



Director literario:

*Aracilhos e Companhia*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Malta*  
 PAPUSSE


## UM SONHO INFERNAL

 ■ POR A. BROEIRO ■  
 DESENHOS de EDUARDO MALTA

 ARÍLIA, a galante Marília,  
 era muito má.

Sua mãe reprendia muitas vezes, mas quando aquele rosto gaiato e gentil se lhe abria num sorriso, toda a sombra de rancor que deixava transparecer nos modos, desaparecia como por encanto. Então abraçava-a

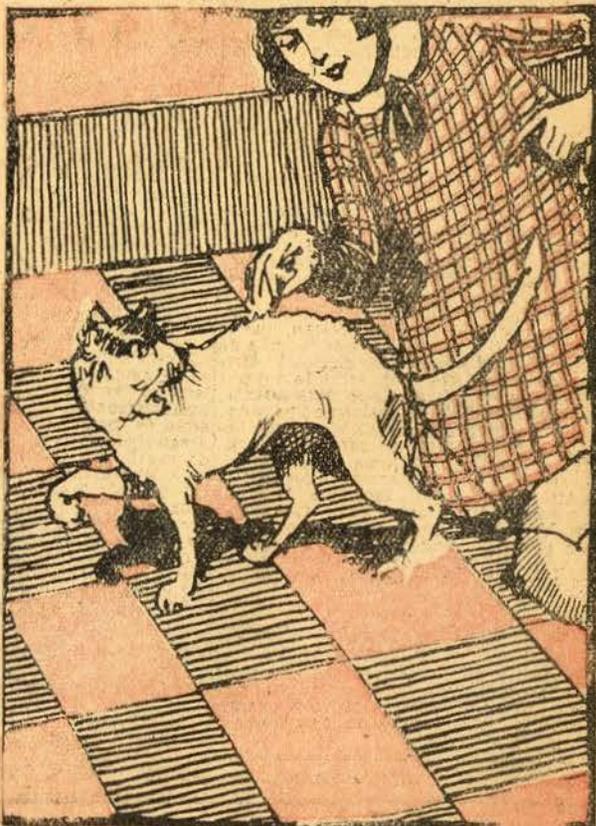
e beijava-a muito. Mas Marilíta não era digna do amor de sua mãe.

Ainda outro dia a mãe a fora surpreender a maltratar o gatinho — coitadinho — que era tão seu amigo.

Amarrou à cauda do bichano um enorme pedregulho e então assim espicava-o com um alfinete.

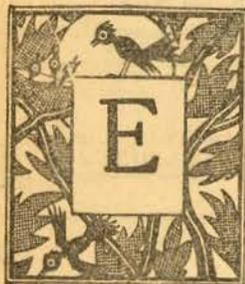
O pobre animalejo soltava grandes rinhanchos, mas isso só servia para aumentar o gáudio da Marília e picá-lo, ainda com mais força, até fazer sangue.

(Continua na página 4)



# As três fiadeiras

DA TRADIÇÃO POPULAR ARGENTINA  
DESENHOS DE EDUARDO MALTA



RA uma vez uma formosa menina que herdara de sua avó uma lindíssima roca; roca côr de ouro ao sol e côr de prata ao luar.

A-pesar-de tão bela, a menina tinha um grande defeito: era preguiçosa, muito preguiçosa. Embora a

Mãe tentasse, constantemente, forçá-la a trabalhar, não o conseguia. Uma tarde, quasi à bôca da noite, quando a roca do sol começava a fiar o novelo da lua, alvo linho, depois de a haver repreendido muito, a pobre Mãe, perdendo a paciência, deu-lhe uma bofetada. Pôs-se a menina a chorar e tal berreiro fez que a Rainha, indo a passar na rua, sôb a sua janela, mandou parar o seu séquito: — (a sua luzida côrte) — e, entrando em casa da Mãe da formosa menina, indagou a razão porque ela assim chorava.

A Mãe não teve outro remédio senão confessar que lhe havia batido, mas, envergonhada de possuir



tão preguiçosa filha, encobriu o verdadeiro motivo de a haver castigado, desculpando-se assim:

— «Saiba Vossa Magestade que lhe batti pelo vício que tem de tanto fiar na roca. Como sou pobrezinha não posso dar-lhe o linho que a toda a hora exige e torna-se impertinente».

Acreditando a Rainha na piedosa mentira, inda por cima repreendeu a pobre mulherzinha e acrescentou, sorrindo para a formosa menina:

— «Nada, para mim, há mais belo que ouvir fiar numa roca! O seu ruído encanta-me os ouvidos. Dá-me a tua menina e eu lhe darei todo o linho que ela me pedir. Há tanto em meu palácio que poderá fiar a vida inteira!

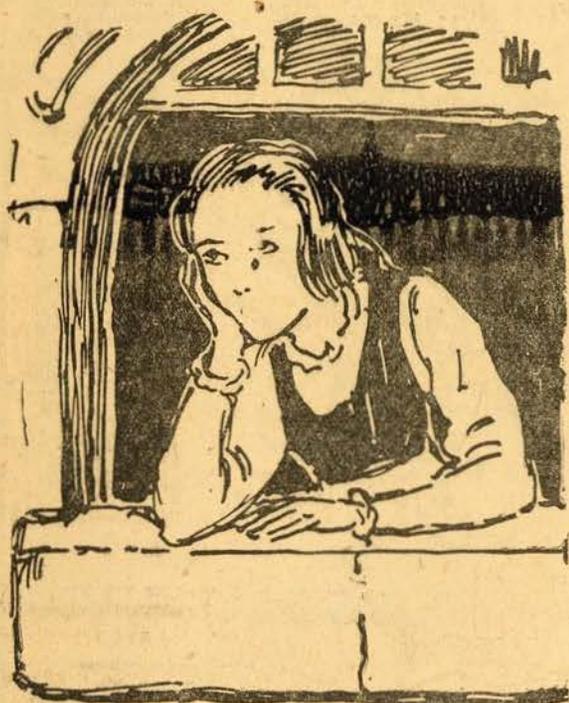
A tal pedido, a Mãe não pôde opôr-se e a preguiçosa menina viu-se forçada a partir, ao lado da rainha, entre o luzido séquito.

Mal chegou ao palácio, mostrou-lhe esta três quartos atulhados de linho e disse-lhe, meigamente, acariciando-a muito:

— «Fia todo êste linho e quando houveres termi-

nado a grata tarefa, dar-te-hei em casamento o meu filho mais velho. Não te apoquentes por seres pobre pois a maior riqueza é ser trabalhadora!»

A menina, vexada, nada respondeu, ficando cons-



ternadíssima por ver que, mesmo que trabalhasse trinta anos sem cessar, de manhã à noite, não poderia dar fim a tanto linho. Ao encontrar-se sózinha, desatou a chorar e esteve 3 dias sem fazer coisa alguma. Ao terceiro dia, porém, a Rainha veio visitá-la e viu, com espanto, que não tinha ainda pegado no fuso.

A menina preguiçosa, muito atrapalhada, arran-  
jou esta desculpa:

— «Saiba Vossa Magestade que ainda não principiei a fiar, pois tenho andado tão triste, por estar longe da minha Mãe, que nem vontade tenho de trabalhar.

A Rainha acreditou na explicação, mas disse-lhe que era necessário principiar a fiar no dia seguinte.

Quando a menina ficou outra vez sózinha e não sabendo o que fazer, foi pôr-se à janela. Viu então que vinham na estrada 3 mulheres. Uma tinha o pé chato e comprido, outra tinha o lábio inferior tão grande que lhe chegava ao pescoço e a última tinha um dedo polegar enorme e achatado. As três acercaram-se da menina preguiçosa e perguntaram-lhe porque estava naquela janela e com uma cara tão triste.

Então a menina, disse-lhes tudo e as 3 mulheres logo se ofereceram para a ajudarem se ela lhes promettesse convidá-las para o dia do seu casamento dizendo a toda a gente da côrte que eram suas primas.

A menina respondeu, contentíssima, que sim, e as 3 mulheres entraram e começaram a fiar.

A primeira fiava a estopa dando voltas à roda, a segunda molhava o linho e a terceira retorcia o fio, pondo sôbre a mêsca o seu dedo polegar.

De cada vez que pousava o seu enorme dedo, logo safa um pedaço de linho mais fino.

Quando a menina sentia os passos da Rainha no corredor, escondia as 3 fiadeiras e, muito descarada, mostrava o que as mulheres tinham feito dizendo que tinha sido ela.

A Rainha andava assombrada. Quando terminaram o linho que havia no primeiro quarto, foram para o segundo e, por fim, para o terceiro.

Então as 3 mulheres partiram dizendo antes à menina:

— Não te esqueças do que prometeste, se quiseres que tudo te corra bem.

Quando a menina preguiçosa mostrou à Rainha todo o linho fiado, combinaram o dia do casamento.



O Príncipe andava contentíssimo por casar com uma mulher tão habilidosa e trabalhadora.

— Tenho 3 primas, que sempre me ajudaram muito e gostaria que vissem o meu casamento e se sentassem à nossa mêsca. Consentes? — perguntou a menina ao Príncipe, seu noivo.

(Continua na página 6)



## Um sonho infernal

(Continuação da 1.ª página)

A mãe viu. Ficou desgostosa por sua filha ser assim tão má, repreendeu-a ásperamente e quando a pequenita procurou refúgio nos seus braços, a mãe não lho deu. Mostrou-lhe o animal espiçado e procurou convencê-la do quanto êle deveria sofrer, perguntando-lhe se gostava que lhe fizessem o mesmo.

Marília pareceu nessa tarde sentir os modos como a mãe lhe falava.

Anoitecia. Foi deitar-se apreensiva, pensando no que sofreria se lhe fizessem o que ela tinha feito ao gato. Adormeceu.

Já dormia há tempo quando sentiu um ruído estranho na janela. Acordou estremunhada. Ouviu no relógio os doze badaladas. A hora fatídica...

O barulho que tinha ouvido redobrou e, a breve trecho, pela janela arrombada entrou um bando de diabitos, encarnados como tições, que pareciam ter vindo naquele instante das profundezas infernais e se deitaram a espetá-la com os tridentes, fazendo-lhe lembrar o que tinha feito ao bichano. Sofria possivelmente. Via o sangue correr-lhe dos braços, motivado pelas picadelas dos endiabrados diabitos.

Entanto desfaleceu.

Quando acordou não viu mais à roda de lá que um cortejo enorme dos infernais habitantes. Atravessava o espaço. Voava juntamente com aqueles terríveis companheiros.

— Aonde me levais? — perguntou Marília.

— Se isso te interessa muito, dir-te-hemos que te levamos para o Inferno.

Para o Inferno!... Marília lembrava-se agora que sua mãe lhe havia dito algumas vezes, debaixo da sua exaltação, que havia de ir para lá por ser tão tirana e desobediente.

Enquanto ela chorava, os diabos riam-se, riam-se muito e as suas gargalhadas pareciam um trovejar enorme.

Chegaram à gruta que levava ao Inferno. Um diabo gigante servia de guarda aquela horrorosa morada. Feio como todos os diabos, lá estava de pé, com o tridente em riste pronto a atravessar quem se fizesse ousado.

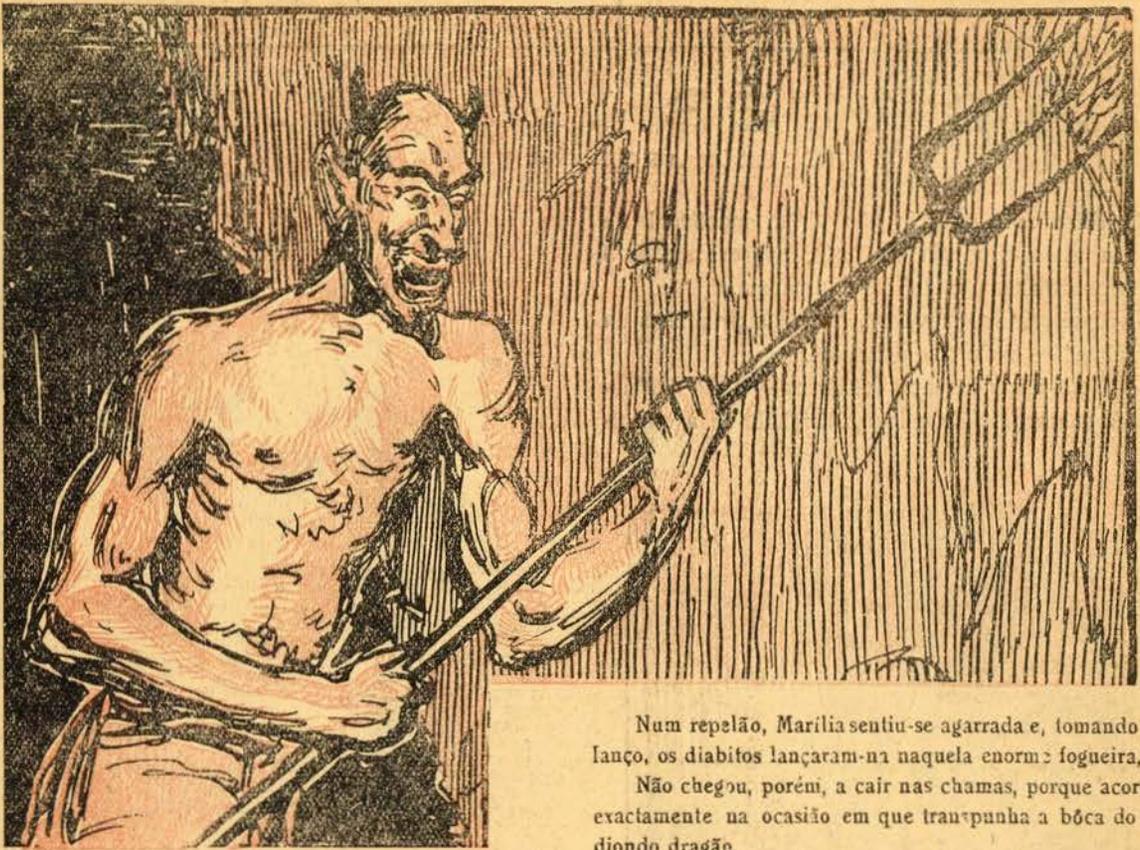
Marília viu o terrível guarda e não sei como não desmaiou, tal foi o medo que teve.

Levaram-na lá para dentro. Um calor que abrazava. Estava sufocada. Num trono de brazido estava o diabo-rei. Ao lado um dragão de proporções fantásticas com a bôca escancarada, deitando enormes labaredas que lambiam o teto da Gruta. Dentro dessa bôca tremenda, estorciam-se corpos que em Terra certamente tinham sido tão maus como a Marília.

Os diabitos disseram, então, ao diabo-rei.

— Trazemos-lhes aqui esta menina que lá em baixo na Terra era muito má e que fazia muito mal aos animais, não querendo fazer caso dos rogos da mãe para que fôsse boa.

— Perdão, senhor diabo! — disse Marília, ajoelhando diante do diabo. — Eu não torno, serei boa daqui por diante.



— Mas foste má até agora, disse o fenomenal diabo, e é justo que os maus tenham o devido correctivo.

Marília sentia já um calor enorme secar-lhe a garganta e ao lado o dragão esperava, de boca aberta, que lhe lançassem nas fauces mais aquela vítima.

— Lançam-na ao brazido, exclamou o rei daquela endiabrada malta.

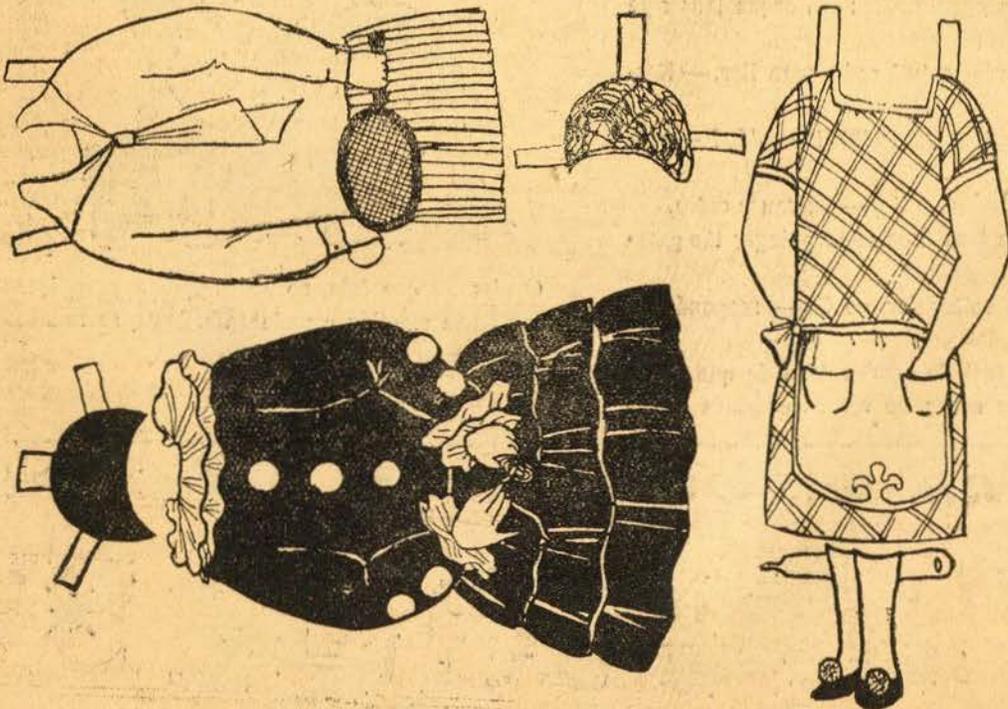
Num repelão, Marília sentiu-se agarrada e, tomando balanço, os diabitos lançaram-na naquela enorme fogueira,

Não chegou, porém, a cair nas chamas, porque acordou exactamente na ocasião em que transpunha a boca do hediondo dragão.

Sentia-se mal disposta e ficou doente. Dois dias de cama.

Quando se levantou, a mãe estranhou a sua obediência e as festas que fazia ao gatinho.

Nunca mais tornou a fazer mal aos animais porque lhe lembrava o que seria o Inferno, onde viu cair todos os meninos maus e desobedientes.



COMO  
A  
MIMI  
VES-  
TE A  
SUA  
BO-  
NECA



# PORTÃO DO CÉU

POR G. DE SANTA RITA

Pela rua além  
vai menino Chico  
que tem Pai e Mãe  
e um palácio rico.

Tem leite estufado,  
tem pó-pós, tem tudo,  
bonito calçado,  
fatos de veludo.

Mas, no coração,  
tem menino Chico  
feia presunção  
por ser muito rico!

E ao ver, pela estrada,  
surgir, de mansinho,  
da Alma enevoada,  
triste pobrezinho,

que, em bonita prece,  
logo estende a mão,  
pedindo lhe desse  
um pouco de pão,

Em gesto inimigo  
com feio desdem,  
troça do mendigo,  
que não tem ninguém!

Chama-lhe garoto,  
ri-se do seu ar,  
e do fato rôto  
que o faz tiritar!

Indica-lhe os pés  
todos calejados,  
fartos, tanta vez,  
de serem pisados!

E o menino pobre,  
de olhinhos no chão,  
sem guardar um cobre  
nem côdea de pão,

vai-se, com saúde,  
pela estrada além,  
sem uma Amisade  
nem colo de Mãe!

Porém, no momento,  
em que se ia embora,  
brilha o Firmamento  
numa estranha Aurora.

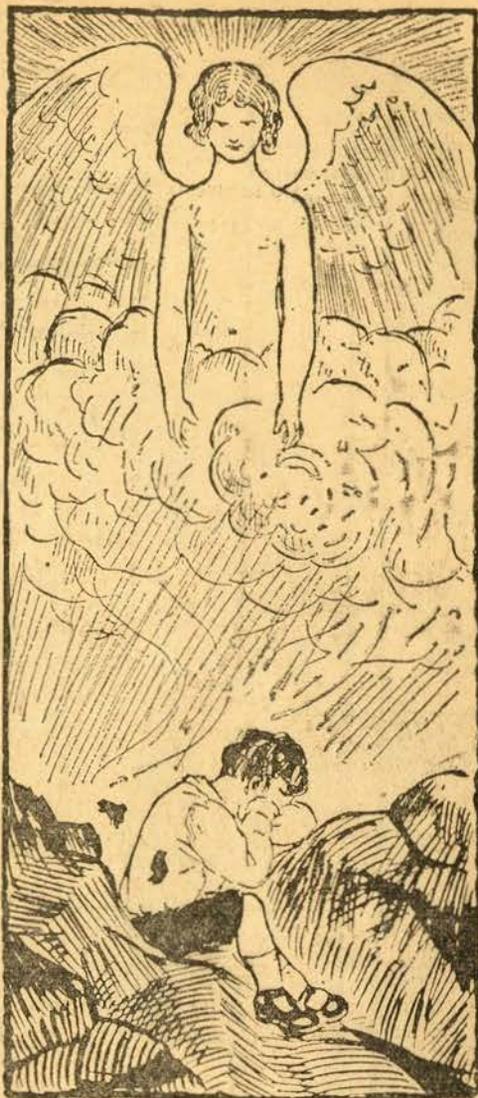
Surge um Anjo belo,  
com ar de mistério,  
de loiro cabelo  
e sorriso etéreo,

que, em feliz abraço,  
leva o pobrezinho,  
no lindo regaço,  
por outro caminho,

Caminho dos Céus,  
onde sempre é Mãe,  
Virgem Mãe de Deus  
que mil filhos tem!

E o menino pobre  
lá ficou no Céu,  
sobre assento nobre  
que a Virgem lhe deu,

tal não sucedendo  
a Chico rabino,  
que bem merecendo  
um outro destino,



encontrou fechado  
o portão dos Céus;  
pois só é chamado  
ao trono doirado,  
quem anda guiado  
pela Mão de Deus.

■ FIM ■

## ENIGMA PITORESCO



## ADIVINHAS

Soluções do numero anterior

- 1 — Estrela; 2 — Velas (ilha de S. Jorge)  
3 — Saude; 4 — Carvoeiro; 5 — Sal;  
6 — Cebola; 7 — Ferro.

MORENITA

# CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

## O GALO E A GALINHA

O galo e a galinha são muito amigos e vivem na melhor harmonia. Quando comem ambos pelo mesmo tacho, como agora sucede, esperam que um coma para logo comer o outro.

Esta construção pode ser feita pelos leitores muito pequeninos, pela sua extrema simplicidade.

Cola-se a folha em papelão e recorta-se, depois de seca, com todo o cuidado, abrindo com o bico da tesoura os buracos A, B, C e D das duas peças compridas e dos pés dos animais.

Unem-se êsses buracos por meio de umas «ataches» e fazendo deslizar para um e para outro lado de, maneira que os dois debiquem, simultaneamente dentro do tacho da comida.

